Boa tarde a todos, alunos e professores,

Venho hoje falar-vos sobre Dame Ruth Railton e sobre o concurso que instituiu em Ponta Delgada; foi sua morada, durante muitos anos, o Conservatório Regional. Estas são memórias que devemos preservar e, ocasionalmente, refrescar, uma vez que fazem parte do imaginário de antigos professores e alunos dessa casa e constituem, portanto, história de um Conservatório cuja fundação se deu há já 57 anos. Tais factos constituem ainda preciosa informação para quem quiser investigar um passado, rico em conquistas no processo de ensino/aprendizagem da música.

Ruth Railton recebeu da coroa britânica o título de Dame pelos serviços prestados ao país no domínio da música, especialmente pela fundação da National Youth Orchestra, à frente da qual viajou por inúmeros países da Europa, América e Ásia. Paralelamente ao concurso que fundou em Ponta Delgada, instituiu outro na Polónia, o qual ainda hoje tem lugar todos os anos; era seu ideal servir a música, sobretudo apoiando a juventude e abrindo-lhe portas para os seus progressos artísticos e musicais. Os alunos de Ponta Delgada que prestavam provas no concurso em questão concorriam organizados em escalões que tinham em conta o grau em que se encontravam e não a sua idade. Sendo o ensino de então organizado de forma menos rígida do que hoje, podia dar-se o caso de, nos primeiros graus, haver alunos um pouco mais velhos do que presentemente. Não me recordo exactamente de quantos eram esses escalões, ou qual a sua orgânica, mas tudo foi combinado (ao telefone ou por carta!) com Dame Ruth. Nada avançou sem a sua aprovação. A função de júri foi, nas duas primeiras edições, de sua inteira responsabilidade, e veio a ser substituída, em todas as outras, pelo seu discípulo, e já então conhecido pianista, Paul Roberts, que conta hoje em dia com uma importante carreira internacional, à qual se vieram juntar o ensino e a escrita, sobretudo estudos e reflexões sobre a música francesa dos finais do séc. XIX e primeiras décadas do séc. XX: as obras para piano de Claude Debussy e Maurice Ravel — e uma biografia do primeiro. Tem ensinado por toda a Europa, Estados Unidos e Austrália. (Podem pesquisar o seu nome no Google e assim ter acesso à acção que tem desenvolvido). Os alunos vencedores do “Prémio Dame Ruth Railton” eram escolhidos entre os mais avançados, e os prémios eram constituídos por material didático: partituras das melhores edições, trazidas de Londres para o efeito. Entre os antigos alunos que ganharam o prémio principal, chamemos-

lhe assim, recordo os nomes de Maria Margarida Jorge Ferreira, Emanuel Frazão Pereira, Ana Paula Andrade, Luísa Furtado, Maria Imaculada Pacheco, Maria Paula Costa, Ana Beatriz Viveiros, Maria Teresa Sequeira de Medeiros, Paulo Massa e o meu próprio. Noutros escalões lembro-me de terem sido premiados alunos como Maria Gabriela Ferreira, Conceição Juana Fortes, Maria dos Milagres Miranda, Helena Margarida Damião, Maria João Ferreira, Esperança Carvalho, Luís Filipe Travassos, Elisabete Oliveira, Luísa Cymbron, Ana Maria Aguiar, Maria da Graça Paiva, Maria Filomena Tibúrcio, Ana Isabel Arruda, Beatriz Oliveira Rodrigues, Maria João Costa e Ana Maria Ferreira. Lembro-me ainda que, durante as provas, como durante o concerto de laureados, o público guardava um silêncio absoluto! Não seria fácil, à partida, com tanta rapaziada junta, mas foi assim que aconteceu, felizmente! Note-se que em 1972 o Conservatório contava apenas com 3 professoras de piano, acumulando a Professora Maria Teresa Oliveira Rodrigues as funções de directora com a sua actividade docente — e a partir de 1973 as professoras passaram a ser 4, com o ingresso de Maria Natália Santos Silva no corpo docente da escola. No entanto, nunca tivemos menos de 14/15 concorrentes inscritos, e chegaram a ser perto de 20. Para além da disciplina de piano, tínhamos, ao tempo, uma grande classe de ballet e de folclore russo: a escola fervilhava de actividade!... A seguir chegaram os professores de sopros e por último as cordas, mais recentemente. (O professor Ilídio dos Santos, violinista, deixou o Conservatório de Ponta Delgada ainda nos anos 70, e passou a residir em Lisboa, para onde decidiu ir, por forma a proporcionar aos filhos uma melhor preparação académica, relativamente à que ele próprio tinha tido; um deles, Pedro Pacheco, que iniciou os seus estudos cá, com o pai, integra hoje, e de muitos anos a esta parte, a orquestra Gulbenkian).

Tive a sorte de ganhar o Prémio duas vezes, em 1972 (ex aequo) e em 1973. No segundo ano fez parte dele uma viagem a Londres; viajei recomendado ao pianista Paul Roberts, que me deu todas as instruções no sentido de aproveitar da melhor forma a minha estadia de uma semana. Visitei as zonas mais emblemáticas da cidade, assisti a concertos no Wigmore Hall (quartetos de cordas de Bartók, o meu primeiro encontro com essas obras que ouço, ainda, e volto a ouvir, tal foi o impacte que tiveram em mim!). Fui ainda ao famoso Royal Festival Hall, complexo inaugurado nos anos 50 do século passado, muito bem enquadrado no espaço em que se encontra, na margem sul do Tamisa, e com vista muito próxima para o rio. Lá ouvi Daniel Barenboim tocar e dirigir concertos para piano de Mozart em colaboração com a English Chamber Orchestra; Assisti, também, a ensaios do Duke Piano

Trio, de que Paul Roberts era o pianista, assisti a bastantes dos “Lunch time concerts” na Royal Academy of Music, onde pude, ainda, estar presente em algumas aulas dos pianistas Ruth Harte e Vivian Langrish. Cereja no topo do bolo, avistei Arthur Rubinstein em Regent´s Park a dar pão aos patos do lago que lá havia.... Quis muito ir cumprimentá-lo, mas tímido como sou, não consegui ... Moral da história, ele ficou com o seu sossego e eu com a minha frustração!

Fiquei apaixonado por Londres, pelo seu carisma, pelos museus que visitei, por outros parques igualmente verdes e floridos, onde vi esquilos pela primeira vez, pelo céu, ora cinzento carregado ora azul claro, como em todos os países do norte da Europa que tenho visitado, e pelo cuidado que os ingleses põem nos seus interiores, confortáveis e muito acolhedores. A propósito, recordo a visita que fiz a casa de Dame Ruth, uma linda vivenda, implantada em terreno cedido pela coroa, algures no gigantesco parque que envolve o palácio de Hampton Court. Aí tive a oportunidade de conhecer o seu marido, Sir Cecil King, empresário jornalístico de renome e de ascendência irlandesa: Foi um serão memorável: música, café, biscoitos caseiros e política, o que foi especialmente interessante para mim, uma vez que estávamos em Setembro de 1974... Tinha eu 19 anos e o 25 de Abril tinha acontecido há apenas 5 meses!...

Em 2022 a 1.ª edição deste concurso (1972) fará 50 anos; por isso, registo aqui a seguinte dica ao Conselho Executivo: festejem a efeméride, recordando uma iniciativa que abriu portas a muitos alunos, e figura, até hoje, nos curricula/biografias de outras tantas pessoas. (Curiosamente, a maioria dos premiados nos diversos escalões e edições desta Prova veio a profissionalizar a música). Sugiro, pois, que para essas celebrações, se convide formalmente o pianista Paul Roberts, para a realização de um recital/palestra (música francesa, o seu terreno de eleição), e para a realização de uma masterclass, dedicada aos alunos e professores de piano do Conservatório Regional de Ponta Delgada. Tal não seria apenas pertinente — seria também inteligente, em meu parecer — pois que é, sempre, no contexto de um passado exemplar que se encontram as melhores sementes para um presente e um futuro consequentes e plenos de memória.

António Teves

Junho de 2021